ISSN: 2358-8829

REFLEXÕES DESENHÍSTICAS E CULTURAIS SOBRE O TREZENÁRIO DE TANQUE DE SENZALA-BA E A FEIRA LIVRE DE CONCEIÇÃO DO JACUÍPE-BA

Jaqueline de Jesus de Lemos [1]
Camila Machado Paim[2]

INTRODUÇÃO

O cotidiano dos lugares é constituído por práticas, relações e significados que nem sempre aparecem nos registros oficiais ou nas descrições estritamente materiais do espaço. Festas, feiras, encontros e celebrações compõem formas de viver e interpretar o território, articulando experiências individuais a referências compartilhadas por uma comunidade. Nesses contextos, a cultura não se limita a um conjunto de tradições preservadas de maneira estática: ela se atualiza nas ações dos sujeitos, nas mudanças dos espaços e nas memórias que permanecem associadas a eles.

É nesse horizonte que se situam as reflexões desenvolvidas neste artigo, que aproxima duas pesquisas de mestrado vinculadas ao Programa de Pós-Graduação em Desenho, Cultura e Interatividade (PPGDCI), da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Embora tenham objetos distintos, as pesquisas dialogam por tratarem de manifestações culturais vinculadas a lugares específicos da Bahia e por destacarem a memória coletiva, a experiência dos participantes e as possibilidades de leitura do desenho como expressão cultural.

A primeira pesquisa, defendida em 2021, investigou o Trezenário de Santo Antônio realizado na comunidade de Tanque de Senzala, povoado pertencente ao município de Santo Amaro-BA. Organizada por moradores-devotos há mais de quarenta

[1] Mestra em Desenho, Cultura e Interatividade pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Especialisata em Educação pelo Instituto Pró-Saber/Unifat. Licenciada em Geografia pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). email: professorajaquelinedelemos@gmail.com.
[2] Licenciada em Geografia pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Especialisata em Educação pelo Instituto Pró-Saber/Unifat. Mestra em Desenho, Cultura e Interatividade pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). email: camila.paim.754@gmail.com.

ISSN: 2358-8829

anos, a manifestação religiosa articula fé, participação comunitária e continuidade de práticas compartilhadas. A segunda pesquisa, defendida em 2022, voltou-se à Feira Livre de Conceição do Jacuípe-BA, espaço reconhecido por sua relação com a origem e a história do município. Mesmo depois da transferência da feira das ruas para um centro de abastecimento, o lugar continuou presente nas memórias de feirantes e frequentadores.

A aproximação entre esses objetos não pretende apagar suas diferenças. O Trezenário é uma celebração religiosa, estruturada em torno da devoção e de práticas festivas; a feira livre, por sua vez, envolve a compra e a venda de produtos, mas também estabelece relações de sociabilidade, circulação e reconhecimento entre as pessoas. Em ambos os casos, porém, as práticas culturais ultrapassam a função imediata que lhes é atribuída: a festa não se resume ao rito religioso, assim como a feira não se restringe à transação comercial.

A noção de desenho, no contexto desta discussão, é entendida de maneira ampliada. Além de linguagem gráfica ou representação visual, o desenho pode ser pensado como uma forma de registrar, organizar e comunicar aspectos da experiência. Fotografias, mapas afetivos, lembranças e narrativas ajudam a tornar perceptíveis dimensões simbólicas dos lugares, incluindo sentidos que não se deixam compreender apenas pela observação física dos espaços.

A memória constitui outro eixo fundamental. As recordações associadas à festa e à feira não correspondem simplesmente à reprodução exata de um passado; elas são reconstruídas a partir das experiências presentes, das relações entre os sujeitos e das transformações vividas pelos lugares. Fotografias antigas, narrativas e cartografias afetivas podem funcionar como mediadores entre tempos distintos, permitindo que experiências particulares sejam compartilhadas e reconhecidas como parte de uma história coletiva.

Diante disso, o objetivo geral deste artigo é refletir sobre as aproximações entre as duas pesquisas, destacando como o desenho, a cultura local e a memória coletiva contribuem para compreender as particularidades do Trezenário de Tanque de Senzala e da Feira Livre de Conceição do Jacuípe. Como objetivos específicos, busca-se: apresentar os contextos culturais dos dois estudos; discutir os procedimentos metodológicos mencionados em suas pesquisas; e analisar o potencial de fotografias e cartografias afetivas para expressar vínculos, experiências e sentidos atribuídos aos lugares.

ISSN: 2358-8829

A relevância da reflexão está na possibilidade de divulgar pesquisas sobre práticas culturais locais e reconhecer formas de conhecimento produzidas pelos próprios sujeitos em suas experiências cotidianas. Ao aproximar celebração religiosa e feira livre, o artigo contribui para evidenciar que a cultura se materializa tanto em acontecimentos coletivos marcados pela devoção quanto nas relações que se constroem em espaços de circulação e comércio. Em ambos, o lugar é vivido, lembrado e continuamente significado.

METODOLOGIA

Este trabalho configura-se como uma reflexão qualitativa construída a partir da aproximação entre duas pesquisas de mestrado já desenvolvidas no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Desenho, Cultura e Interatividade da UEFS.

A primeira investigação teve como foco o Trezenário de Santo Antônio, realizado na comunidade de Tanque de Senzala, no município de Santo Amaro-BA. A aproximação com a manifestação religiosa ocorreu por meio do método etnográfico e de técnicas voltadas ao contato com os moradores-devotos. O uso de fotografias antigas e sua interpretação por meio da hermenêutica visual também compõem os procedimentos indicados, com referência ao método de descontextualização atribuído a Porto Alegre (1998).

A segunda pesquisa abordou a Feira Livre de Conceição do Jacuípe-BA e as memórias de feirantes-frequentadores. O resumo informa a utilização do método etnográfico para a aproximação com esses sujeitos e destaca a produção de uma cartografia afetiva, interpretada como possibilidade de reunir sentimentos e sentidos associados à experiência da feira. A cartografia, nesse caso, é compreendida como um registro que procura representar mais do que a localização de objetos ou a organização geométrica do espaço: ela torna visíveis relações subjetivas construídas no contato com o lugar.

Para a elaboração deste artigo, foram adotados três movimentos de análise. O primeiro consistiu na identificação dos elementos centrais de cada pesquisa: seus lugares, sujeitos, manifestações culturais e procedimentos. O segundo buscou reconhecer pontos de convergência, especialmente a relação entre cultura local, memória coletiva e

ISSN: 2358-8829

experiência espacial. O terceiro consistiu em discutir o que a aproximação permite compreender sobre o desenho como forma de expressão e interpretação de vivências.

REFERENCIAL TEÓRICO

CULTURA LOCAL E EXPERIÊNCIAS DOS LUGARES

A cultura local pode ser compreendida como um conjunto dinâmico de práticas, conhecimentos, símbolos e relações por meio dos quais os sujeitos produzem sentidos para a vida coletiva. Ela se manifesta em celebrações, formas de trabalho, trocas comerciais, hábitos, narrativas e modos de ocupar o espaço. Por estar ligada à experiência cotidiana, não se restringe a uma herança imóvel: as práticas culturais são mantidas, reinterpretadas e transformadas conforme as circunstâncias históricas e sociais (Geertz, 1989).

O lugar, nessa perspectiva, não é apenas uma porção delimitada do espaço. Ele se constitui por relações e experiências que permitem às pessoas reconhecerem um ambiente como significativo (Tuan, 1983). A comunidade de Tanque de Senzala e a cidade de Conceição do Jacuípe apresentam vínculos entre espaço e memória que se tornam perceptíveis nas práticas investigadas. No Trezenário, o lugar é relacionado à devoção e à continuidade de uma celebração comunitária; na feira, é relacionado ao comércio, aos encontros e às lembranças construídas ao longo do tempo (Paim, 2021; Lemos, 2022)).

Esses vínculos mostram que os espaços são produzidos tanto por elementos materiais quanto por significados partilhados. A mudança de localização da feira para um centro de abastecimento, por exemplo, representa uma transformação concreta na organização espacial, mas não implica necessariamente o desaparecimento das memórias vinculadas à experiência anterior. De modo semelhante, a permanência de uma celebração religiosa ao longo de décadas evidencia a importância da participação comunitária para a continuidade de práticas culturais.

Pensar cultura local requer, portanto, observar os sujeitos como participantes ativos da produção dos lugares. Seus gestos, narrativas, lembranças e formas de participação oferecem perspectivas que complementam registros institucionais e descrições externas. A aproximação etnográfica mencionada nas pesquisas é relevante

ISSN: 2358-8829

justamente por favorecer o contato com as experiências dos envolvidos e por reconhecer que os sentidos culturais não podem ser compreendidos apenas a partir de uma observação distante.

MEMÓRIA COLETIVA, FOTOGRAFIA E HERMENÊUTICA VISUAL

A memória é um processo social por meio do qual experiências passadas são selecionadas, narradas e ressignificadas no presente. As lembranças individuais se relacionam com referências compartilhadas, como os espaços de convivência, os acontecimentos recorrentes e os símbolos reconhecidos por um grupo. Por isso, a memória coletiva não deve ser entendida como um arquivo fixo e uniforme, mas como uma construção que envolve diferentes perspectivas e pode ser reconfigurada ao longo do tempo (Halbwachs, 1990).

No caso do Trezenário, as fotografias antigas podem contribuir para interpretar aspectos da manifestação religiosa e de sua trajetória comunitária. A imagem fotográfica registra um recorte, mas seu sentido não está limitado ao que aparece visualmente. É necessário considerar o contexto em que foi produzida, os elementos que ficaram fora do enquadramento, as condições de circulação da imagem e as interpretações que ela desperta entre aqueles que reconhecem pessoas, práticas ou lugares representados (Kossoy, 2001).

A hermenêutica visual, oferece uma via de interpretação das imagens, procurando compreender suas relações com contextos sociais e culturais. O procedimento de descontextualização atribuído a Porto Alegre (1998) é indicado como referência para a análise das fotografias antigas.

A fotografia pode atuar como ponto de encontro entre passado e presente. Ao ser observada, comentada ou incorporada a uma narrativa, ela mobiliza lembranças e favorece a transmissão de referências entre pessoas e gerações. Ainda assim, não deve ser tratada como evidência transparente ou suficiente por si mesma: toda imagem resulta de escolhas e condições de produção. Sua interpretação se fortalece quando articulada às narrativas dos sujeitos e ao conhecimento do contexto cultural (Halbwachs, 1990; Kossoy, 2001).

ISSN: 2358-8829

Na feira livre, a memória também se manifesta para além dos registros visuais. Ela pode estar vinculada à disposição dos espaços, aos percursos habituais, aos encontros, aos produtos comercializados e às relações construídas entre feirantes e frequentadores. Mesmo quando a organização física se altera, as lembranças podem conservar sentidos de pertencimento e continuidade. A cartografia afetiva torna-se, nesse contexto, uma forma de representar relações que não são captadas apenas por plantas ou mapas convencionais.

DESENHO, CARTOGRAFIA AFETIVA E REPRESENTAÇÃO CULTURAL

O desenho pode ser compreendido como uma prática de elaboração visual que organiza formas, relações e sentidos. Em uma concepção ampliada, não se limita à representação técnica de objetos: pode participar da construção de narrativas, da preservação de memórias e da comunicação de experiências. Essa perspectiva permite aproximar o desenho de manifestações culturais nas quais imagens, espaços e lembranças se articulam.

A cartografia tradicional costuma privilegiar localização, escala, orientação e representação de elementos espaciais. A cartografia afetiva, por sua vez, chama atenção para as relações subjetivas que as pessoas estabelecem com os lugares. Isso não significa que deixe de se relacionar com o espaço concreto, mas que acrescenta à representação dimensões como lembranças, sentimentos, vínculos e experiências. O mapa passa a ser entendido também como uma narrativa situada, produzida a partir de um ponto de vista

No estudo da Feira Livre de Conceição do Jacuípe, a cartografia afetiva é indicada como recurso para interpretar sentimentos de feirantes-frequentadores. A importância desse procedimento reside em reconhecer que a feira é vivida de maneiras diversas, de acordo com as trajetórias e experiências de quem a frequenta. A representação afetiva pode reunir sentidos associados a encontros, trabalho, circulação, familiaridade e mudanças espaciais, desde que essas dimensões estejam efetivamente sustentadas pelos registros da pesquisa.

A cartografia afetiva não deve ser confundida com um retrato completo ou definitivo de uma comunidade. Cada representação seleciona aspectos, estabelece relações e expressa uma perspectiva. Sua contribuição está justamente em permitir que

ISSN: 2358-8829

diferentes experiências sejam reconhecidas, discutidas e colocadas em relação. Quando analisada em diálogo com outros registros, pode ampliar a compreensão sobre como as pessoas atribuem significado ao espaço e como a memória participa da construção desses significados como pontua Rolnik (1989).

Assim, o desenho e a cartografia podem operar como instrumentos de leitura cultural. Eles ajudam a observar como os sujeitos organizam visualmente aquilo que consideram relevante, como conectam lugares e lembranças e como tornam comunicáveis experiências que nem sempre aparecem nos documentos formais. No Trezenário e na feira, os registros visuais e afetivos contribuem para compreender manifestações que dependem da participação humana e da continuidade de relações sociais.

RESULTADOS

A aproximação entre as pesquisas permite destacar, como primeiro resultado a centralidade dos sujeitos na produção e na continuidade das práticas culturais. O Trezenário de Santo Antônio é apresentado como manifestação religiosa organizada por moradores-devotos há mais de quarenta anos. A Feira Livre de Conceição do Jacuípe, por sua vez, é descrita como prática centenária relacionada à formação do município e presente nas memórias de feirantes e frequentadores. Nos dois casos, a cultura local se sustenta por meio da participação e dos significados atribuídos pelos envolvidos.

Um segundo ponto de aproximação é a relação entre memória e transformação. A continuidade cultural não exige que os espaços permaneçam idênticos ao longo do tempo. A feira passou das ruas para um centro de abastecimento, mas, conforme o resumo, continua desenhada nas memórias daqueles que a vivenciaram. Essa permanência simbólica demonstra que a experiência de um lugar pode ultrapassar sua configuração material. No Trezenário, a duração da manifestação também evidencia a relevância da transmissão e da participação comunitária, embora as formas específicas dessa continuidade precisem ser examinadas nos registros completos da pesquisa.

Um terceiro resultado diz respeito ao papel das representações visuais na leitura dessas experiências. As fotografias antigas do Trezenário e a cartografia afetiva produzida em relação à feira oferecem caminhos diferentes, mas complementares, para abordar cultura e memória. A fotografia permite interpretar traços visuais de um acontecimento e

ISSN: 2358-8829

relacioná-los a contextos e lembranças; a cartografia afetiva destaca relações subjetivas com o espaço. Ambas evidenciam que os registros visuais podem comunicar dimensões da vida social que não se esgotam em descrições funcionais.

A comparação também mostra a importância de não reduzir a feira à atividade econômica nem a celebração religiosa ao rito. A feira é espaço de compra e venda, mas também de convivência e construção de relações. O Trezenário envolve a devoção a Santo Antônio, mas sua realização comunitária o situa igualmente no campo das práticas de pertencimento e da memória local. Essa leitura não elimina as diferenças entre os objetos; ao contrário, permite compreender como práticas distintas participam da constituição de identidades e referências coletivas.

Do ponto de vista do desenho, a reflexão contribui para ampliar a compreensão das formas de representação cultural. Desenhar, mapear ou interpretar imagens não significa apenas reproduzir o que está diante dos olhos. Essas ações podem organizar sentidos, revelar relações e produzir narrativas sobre os lugares. A cartografia afetiva, em particular, chama atenção para a dimensão vivida do espaço, ao reconhecer que os vínculos dos sujeitos com a feira incluem experiências e sentimentos que não são facilmente traduzidos por mapas estritamente técnicos.

A discussão também aponta para a relevância de articular métodos e materiais. A aproximação etnográfica oferece contato com os sujeitos e seus contextos; a hermenêutica visual possibilita interpretar fotografias considerando sua inserção cultural; e a cartografia afetiva contribui para representar sentidos associados à experiência espacial. Nenhum desses recursos, isoladamente, fornece uma visão total do objeto. A combinação de procedimentos, quando coerente com os objetivos de cada pesquisa, permite construir leituras mais atentas à complexidade das práticas culturais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo, divulga e aproxima duas investigações oriundas do mesmo programa de pós-graduação, ressaltando que estudos sobre manifestações locais podem dialogar em torno de questões comuns sem perder suas particularidades. A festa e a feira tornam visíveis formas de conhecimento construídas no cotidiano, muitas vezes pouco valorizadas quando se privilegiam apenas registros institucionais ou narrativas oficiais.

Dar visibilidade a essas práticas contribui para o reconhecimento dos sujeitos e de suas experiências como parte da história cultural dos lugares.

Conclui-se que o Trezenário de Tanque de Senzala e a Feira Livre de Conceição do Jacuípe constituem expressões significativas da cultura local, nas quais memória, experiência e espaço se relacionam continuamente. A festa evidencia a força da devoção e da organização comunitária; a feira mostra como o comércio cotidiano também produz sociabilidade e lembranças duradouras.

Em ambos os contextos, o desenho, a fotografia e a cartografia afetiva podem contribuir para registrar e comunicar dimensões simbólicas da experiência. Reconhecer essas formas de expressão significa valorizar não apenas os lugares, mas também as pessoas que lhes atribuem sentido e os mantêm vivos na memória coletiva.

REFERÊNCIAS

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & história**. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

LEMOS, Jaqueline de Jesus de. O desenho da feira livre a partir das memórias dos feirantes de Conceição do Jacuípe-BA. **Dissertação de Mestrado** do Programa de Pós-Graduação em Desenho, Cultura e Interatividade, 2022.

PAIM, Camila Machado. "Santo Antônio, Rogai por Nós!": Desenho, Memória e Fotografia na Comunidade de Tanque de Senzala-BA. **Dissertação de Mestrado** do Programa de Pós-Graduação em Desenho, Cultura e Interatividade, 2021.

PORTO ALEGRE, Maria Sylvia. Reflexões sobre iconografia etnográfica: por uma hermenêutica visual. *In*: FELDMAN-BIANCO, Bela; LEITE, Míriam Lifchitz Moreira (org.). **Desafios da imagem**: fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais. Campinas: Papirus, 1998.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental:** transformações contemporâneas do desejo. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar:** a perspectiva da experiência. Tradução de Lívia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.